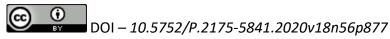


Resenha



HENDEL, Ronald; JOOSTEN, Jan. How old is the Hebrew Bible? A linguistic, textual, and historical study. New Haven: Yale University Press, 2018.

Caio Cesar Dias Peres*

Ronald Hendel e Jan Joosten são exímios eruditos da Bíblia Hebraica (BH). Hendel, professor na Universidade da Califórnia, em Berkeley, tem um vasto número de livros e artigos publicados que vão desde questões inovadoras em metodologia e crítica, passando por assuntos linguísticos, tocando também em matéria de exegese e teologia. Joosten é professor em Oxford, tendo começado como um bom erudito da BH, mas que rumou para se tornar uma das maiores referências sobre a língua hebraica da atualidade.

Neste livro, os autores apresentam uma obra excepcional que, na opinião deste resenhista, se tornará um marco nos estudos da BH. O teor do livro é bastante técnico, contudo a prosa é bastante fluente e clara. É óbvio que os autores escreveram com o intuito de alcançar um público mais amplo, e não somente hebraístas.

O propósito do livro é fazer uma análise diacrônica da língua hebraica utilizada nos diversos escritos bíblicos a fim de determinar a datação de cada um deles. Tal empreendimento não é novidade. Já no século XVII, o erudito holandês Hugo Grotius percebeu que Salomão não poderia ter escrito Eclesiastes, já que sua análise linguística do texto apontou muita semelhança com textos muitos

-

Resenha recebida em 04 de março de 2020 e aprovada em 07 de julho de 2020.

^{*} Research Master in Theology and Religious Studies pela Vrije Universiteit (2018). País de origem: Brasil. E-mail: caiovintage@hotmail.com

posteriores à época de Salomão, como Daniel e Esdras. Mas a análise linguística diacrônica da BH foi "fundada", realmente, por Wilhelm Genesius na obra Geschichte der hebraischen Sprache und Schrift (1815), e consolidada no fim do século XX, por S. R. Driver, na obra Introduction to the literature of the Old Testament (1891). Apesar de existirem estudos atuais que seguem essa tradição, especialmente por Avi Hurvitz, Hendel e Joosten lamentam, no Capítulo 1, que a maioria dos estudos atuais sobre a formação da BH não considerem a linguística histórica. De acordo com os autores, a explicação de tal fenômeno é um problema metodológico. Na opinião dos críticos da análise linguística histórica, a história de transmissão, revisão e edição escribal do texto da BH, assim como a procedência de tradições espalhadas geograficamente, tornam tal análise impossível ou no mínimo precária e duvidosa. O estudo de Hendel e Joosten prova que tal afirmação é falsa. Metodologicamente, eles fazem duas importantes afirmações. A primeira é que existem meios de controlar adequadamente as diferenças linguísticas que resultam de uma mudança cronológica da língua e aquelas que resultam de variações de dialetos geográficos, ou da história da transmissão, revisão e edição escribal. A segunda é que a tarefa acadêmica que lida com história antiga, incluindo a história linguística antiga, é a de pesar probabilidades e não a certeza objetiva. No restante do livro, eles darão um excelente exemplo de aplicação dessas diretrizes metodológicas.

No Capítulo 2, Hendel e Joosten mapeiam tipos de mudanças numa língua e determinam três fatores essenciais: mudanças fonológicas (eles dão o exemplo da relação entre samek e shin evidente na história do shibboleth em Juízes 12), mudanças léxicas e morfosintáticas (um exemplo interessante aqui é a simplificação da primeira pessoa do singular de אָבֹי para אָבֹכי, e, por último, contato com outras línguas (sendo que a intrusão de palavras de outras línguas pode acontecer com facilidade e rapidez, enquanto mudanças sintáticas são mais difíceis e demoram muito mais).

Esses fatores de mudança linguística não apontam, necessariamente, para implicações diacrônicas. Por isso, Hendel e Joosten apresentam o seu método de determinar variações que apontam para diferenças cronológicas no Capítulo 3. O fundamento está na diferenciação entre Hebraico Bíblico Tardio (HBT), um estágio da língua hebraica presente nos livros pós-exílicos como Esdras, Neemias, Ester, Crônicas e Daniel, e o Hebraico Bíblico Clássico (HBC), presente nos livros pré-exílicos, basicamente, Gênesis a 2Reis. Como características linguísticas típicas de HBT podem aparecer em HBC, Hendel e Joosten, baseados na obra de Avi Hurvitz, falam no critério de distribuição. Como o corpo literário de HBT tem uma referência cronológica mais definida e presumidamente seus autores têm conhecimento de HBC, as determinações de características de HBC são feitas pela sua raridade ou completa ausência no material de HBT. A partir dessa comparação, a datação de textos da BH é relativa (esse vem antes ou depois daquele) e não absoluta. Mais adiante os autores tentarão determinar uma datação absoluta.

Como apontam alguns críticos, a análise linguística histórica da HB se depara com o obstáculo da transmissão do texto. No Capítulo 4, Hendel e Joosten abordam esse problema a partir das limitações impostas pelo Texto Massorético (TM) e a possível superação dos obstáculos por meio da crítica textual. Apesar da excelente qualidade do TM, que é bastante recente, remetendo, possivelmente, ao século IX de nossa era, mas cujo manuscrito mais antigo que temos data da Idade Média, Hendel e Joosten reconhecem que ocasionalmente a leitura vocalizada é secundária. Comparações com outras versões, como a Septuaginta e os manuscritos do Mar Morto, ajudam a perceber possíveis alterações no TM. Da mesma forma, a análise linguística histórica pode contribuir para determinar leituras secundárias em casos suspeitos em que alguma característica da vocalização em textos de HBC se mostre mais próximos de HBT. Assim, crítica textual e análise linguística histórica se complementam para superar as limitações de uma análise diacrônica do TM. Ainda assim, Hendel e Joosten reconhecem que é necessário certa tolerância para alguns poucos casos que não corroboram as evidências da análise diacrônica.

Além da comparação negativa com HBT para determinar aspectos do HBC, Hendel e Joosten apresentam, no Capítulo 5, uma interessante e importante comparação com inscrições e outros materiais literários pré-exílicos em hebraico. O material epigráfico existente, os autores utilizam especialmente as cartas de Arade e Láquis, obviamente, é bem menor se comparado com o material bíblico. Ainda assim, os autores são capazes de demonstrar que HBC compartilha de importantes características morfosintáticas com o material epigráfico que estão ausentes no HBT. Como a datação do material epigráfico varia entre o meio do século VIII e VI antes de nossa era, Hendel e Joosten reconhecem que é difícil determinar uma datação absoluta para o período anterior ao século VIII antes de nossa era, mesmo que escritos em HBC possam remontar a esse período anterior. De qualquer forma, a evidência linguística claramente indica que estamos lidando com o período pré-exílico para HBC.

Entre as diferenças de HBT e HBC, ainda que certas características se sobrepujam, Hendel e Joosten introduzem o Hebraico Bíblico Transicional no Capítulo 6. Os escritos bíblicos representantes dessa característica linguística são Ezequiel, Lamentações, Deutero-Isaías, Jó, Jonas, Ageu e Zacarias 1-8. Cronologicamente, esse corpo literário faz sentido, pois a maioria deles se apresenta num contexto exílico. Assim, concluem os autores, a possibilidade de estabelecer datas absolutas para HBC, no período pré-exílico, e para HBT, no período pós-exílico, é acentuada. Mais uma vez, o método dos autores segue o critério de distribuição de características tardias e clássicas, controlando até onde possível as questões editoriais que podem atrapalhar os dados.

Uma importante crítica a todo esse empreendimento de análise linguística histórica da Bíblia Hebraica é a possibilidade de "imitação" da língua em sua versão mais antiga num período posterior. Alguns estudiosos dizem que mesmo textos escritos no pós-exílio podem parecer pré-exílicos pelas capacidades dos escribas em reproduzir um texto com aparência pré-exílica. No Capítulo 7, Hendel e Joosten lidam com essa questão e o fazem a partir de uma análise interessantíssima.

Os autores demonstram que quando esse fenômeno, ao qual eles chamam de pseudoclassicismo, acontece, muitas vezes ele se autodenuncia. A partir da comparação com os escritos do Mar Morto, em que pseudoclassicismos aparecem com mais proeminência, eles demonstram o quanto as tentativas de imitar a linguagem antiga, especialmente no caso de expressões idiomáticas, o sentido é bastante diferente do que aquele antigo. Esse fenômeno, de acordo com os autores, é evidência de uma ruptura no processo de transformação de uma língua. Para eles, essa ruptura se deu com a destruição de Jerusalém, seu templo e as instituições que preservavam sua cultura. Portanto, o uso de pseudoclassicismos em HBT é mais uma evidência da grande distância cronológica para o HBC.

Sem dúvida alguma, o Capítulo 8 é o mais importante da obra. A força metodológica de toda a obra se mostra especialmente neste capítulo. Pessoalmente, este resenhista acredita firmemente que o conjunto das conclusões linguísticas precisam ser complementadas e corroboradas por outros estudos que envolvem aspectos culturais e comparativos. É exatamente essa a proposta de Hendel e Joosten no capítulo conclusivo da obra, e é aqui, eu acredito, que eles estejam propondo um modelo metodológico de datação bíblica que perdurará por longos anos. Eles baseiam seu modelo metodológico na teoria da consiliência, em que tipos de evidências de campos distintos da pesquisa se convergem. Hendel e Joosten compreensivelmente dão prioridade à linguística, mas adicionam a ela o que chamam de história cultural. Trata-se de detalhes culturais, ou seja, elementos de instituições sociais, como família e política, assim como práticas econômicas e produtivas, e, por fim, elementos da alta cultura, como literatura, arquitetura e decoração. O que importa aqui para a datação de textos é que esses detalhes culturais aparecem no texto sem a intenção de serem referências cronológicas. Sua aparição no texto é uma evidência cronológica não intencionada pelo autor, pois simplesmente manifesta o contexto em que este vive.

Hendel e Joosten oferecem alguns exemplos muito interessantes, como expressões idiomáticas no livro de Juízes que são típicas da cultura Cananeia, evidenciando um contexto pré-exílico precoce; ou o uso de valores monetários

persas no livro de Crônicas, mesmo ao se referir ao tempo de Davi, indicando um período pós-exílico tardio; ou o uso de termos gregos para definir instrumentos musicais em Daniel, indicando um período pós-exílico bastante tardio.

Concluso esta resenha com uma demonstração da força metodológica apresentada pela obra de Hendel e Joosten, a partir de minhas pesquisas anteriores à leitura da obra.¹ Investigando os escritos sacerdotais do Pentateuco (P), utilizei estudos linguísticos de Avi Hurvitz e Jacob Milgrom, o que estabeleceu uma data pré-exílica para P. Os estudos linguísticos foram complementados e corroborados em minha pesquisa com elementos da história cultural, especialmente na forma como P trabalha a propriedade de terra e a organização social do povo. Por fim, essas conclusões receberam mais evidências por uma análise comparativa entre o sistema sacrifical de P e as práticas sacrificais hititas.

Essa conclusão tem sido constatada em diversas pesquisas. No fim do ano passado, Avraham Faust, um renomado arqueologista, publicou um artigo² sobre elementos culturais que ajudam na datação de P. Numa análise detalhada de diversos elementos culturais, especialmente nas categorias de organização social utilizadas por P, Faust concluiu que P reflete claramente um contexto pré-exílico. O mesmo tem acontecido com um caso específico característico de P. Elementos históricos sobre o contexto cultural por trás das características que P apresenta sobre o Tabernáculo têm demonstrado sua antiguidade. Michael Homan³ e Joshua Berman⁴ apresentaram argumentos completamente convincentes de um paralelismo exclusivo entre o Tabernáculo de P e a tenda militar do faraó Ramessés II (século XIII antes de nossa era). E tal constatação é corroborada arqueologicamente pelo santuário, em forma de tenda, na cidade de Timná, utilizado por um povo semi-nômade que trabalhava com a mineração de cobre para os egípcios no Negev. Portanto, em conjunto com a análise linguística e a história

¹ **Dining at the king's table.** Divine hospitality in the priestly writings. Amsterdã, 2018. Tese de mestrado – Faculdade de Teologia e Estudos da Religião, Vrije Universiteit Amsterdam.

² The world of P: The material realm of Priestly writings. **Vetus Testamentum** v. 69, p. 173-218, 2019.

³ **To your tents, o Israel!** The terminology, function, form, and symbolism of tents in the Hebrew Bible and the ancient Near East. Leiden: Brill, 2002

⁴ Inconsistency in the Torah. Ancient literary convention and the limits of source criticism. Oxford: Oxford University Press, 2017.

cultural, o peso da evidência, em alto grau de probabilidade, indica um contexto pré-exílico para P, com tradições que remontam até o período pré-monárquico.

Com este exemplo, é possível comprovar a força metodológica proposta pela obra de Hendel e Joosten. Assim, podemos concluir que a obra oferece duas importantes contribuições para a erudição da BH: (1) Uma defesa metodológica completa da análise linguística histórica da BH, compilando e esclarecendo uma vasta pesquisa de dados, com uma conclusão clara e objetiva sobre a datação relativa e absoluta dos escritos da BH; (2) Uma metodologia com diretrizes e critérios claros para futuras pesquisas sobre a datação dos escritos da BH, resumida no conceito de consiliência, que abrange a análise linguística e a história cultural. É por essas razões que este resenhista considera que esta obra fundamentará as futuras pesquisas linguísticas, de formação e datação da BH.